



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Adriana Íris Savi de Almeida

A formação do aparelho psíquico em Freud

Rio de Janeiro

2018

A formação do aparelho psíquico em Freud

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador: Marco Aurelio Soares Jorge

Rio de Janeiro

2018

Dedicatória

*Dedico este trabalho para todos
aqueles que buscam se conhecer.*

“Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.”

Daniel Goleman

Sumário

1. História da psicanálise e a vida de Freud	06
2. Id, Ego e seus mecanismos de defesa e Superego	13
2.1 Id	13
2.2 Ego	14
2.3 Superego	16
2.4 Mecanismos de defesa do ego	17
3. Conclusão	25
4. Referências bibliográficas	26

Resumo

O trabalho aborda a visão Freudiana sobre o aparelho psíquico. Entender de fato como cada parte de nossa psique funciona e como ela reage a alguns estímulos tanto primários como os externos. Descrever o que Freud articula como primeira e segunda tópica, sempre visando a compreensão das informações ocultas presentes em nosso inconsciente.

Palavras-chave: Aparelho psíquico, Freud, mecanismos de defesa.

1. História da psicanálise e a vida de Freud

Um fator principal para o desenvolvimento do ser humano é a capacidade de produzir conhecimentos. Cada vez mais pessoas vão em busca de adquirir o máximo de informações possíveis, para compreender como o ser humano é. Porém pode se entender que as emoções ocupam um lugar de extrema importância em nossas vidas, elas tem o poder de determinar nossas atitudes e escolhas.

Na antiga Grécia, em 400 a.c. Platão diz que todo aprendizado tem uma base emocional. Em uma de suas obras, nomeada de *“Teeteto”*, enfatiza conferindo que a habilidade filosófica, diferencia o verdadeiro do falso, tendo em vista o item inicial para a tentativa de entender a natureza do conhecimento. A filosofia tem como finalidade o desenvolvimento do ser humano - ou a sabedoria humana- e da evolução humana, fazendo com que o indivíduo compreenda que o sistema funcional dele só depende dele mesmo, ou seja, a capacidade de conhecer o mundo, os outros e a si mesmo por ele.

“O homem não tem nada melhor para fazer do que tentar estar em perfeito acordo consigo mesmo” (SigmundFreud)

O entendimento de que o racional e o emocional humano movem-se juntamente para o progresso do mesmo vem sido requerido ao longo do tempo. A psique humana foi pensada por muitas pessoas, dentre elas, um se destaca, Sigmund Freud, criador e estruturador da psicanálise. (PAOLA, 2011)

Sigmund Freud foi um médico que mudou a forma de compreender a vida mental de um indivíduo, ele nasceu em 1856 na região de Moravia, que hoje corresponde a parte oriental da República Checa. Aos quatro anos mudou-se com a família para a Áustria, onde viveu até 1938. Segundo Freud os processos mentais ocorrem de forma encadeada, ou seja, nenhum pensamento, sentimento ou lembrança acontecem isoladamente. Embora existam alguns pensamentos ou sensações que aparentam surgir espontaneamente, ainda sim existe elos ocultos que ligam esses eventos mentais a outros que ocorreram antes. De acordo com Freud a vida mental se desenvolve de forma contínua mesmo que os indivíduos não estejam conscientes destas continuidades entre seus pensamentos e sentimentos. (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

Ele ingressou na faculdade de medicina na Universidade de Viena em 1881. No começo estudava neuroanatomia no laboratório de fisiologia de Dr. Bruscke, mas em 1885, mudou de

especialização e foi fazer neuropatologia na mesma universidade. Um pouco antes, juntamente com o Dr. Breuer (um dos médicos mais renomados e respeitados da época) acompanhou o tratamento com “Ana O”. A partir desse momento Freud com suas pesquisas e estudos determinou o caminho que iria traçar na criação da psicanálise e o desenvolvimento da psicologia e da medicina. . (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

A jovem a qual era o objeto de tratamento tinha 21 anos, que foi acometida por perturbações histérico-orgânicas, sujeitada a hipnose. Se via que a partir da hipnoterapia na mulher, emergia algo que a trazia desconforto, tendo assim, melhorias nos sintomas. Freud estimulado com essas novas evidências, determinou-se a ir mais a fundo com as suas pesquisas e foi para Paris, no qual ganhou uma bolsa de estudos e começou a trabalhar com Jean Charcot com “hipnose” em pacientes com histeria, porém essas pesquisas não eram muito bem aceitas pela comunidade científica em Viena. Mesmo assim Freud se manteve ao lado de Breuer que conseguia desfazer os “sintomas histéricos”. . (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

A partir dos relatos da paciente “Ana O”, ela não era apta a apontar a origem de seus sintomas, porém, por decorrência da hipnose, informava a origem de cada um deles, os quais estavam diretamente anexados a vivências passadas, associadas aos transtornos vividos com a doença do pai. Por causa da liberação das reações emotivas relacionadas ao trauma, os sintomas desapareciam, não de forma não explicativa, mas correlacionada com as emoções expostas. Por consequência, Breuer e Freud nomearam de Método Hipno-Catártico, a ação de liberação de afetos e emoções ligadas a traumas ou vivências dolorosas e desagradáveis fazendo com que houvesse uma anulação dos sintomas. . (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

Freud, afirmou em sua *autobiografia* que sempre fez uso da hipnose, para compreender por completo desde o início do problema, logo então também utilizou o método em que,

“aos poucos, foi modificando a técnica de Breuer: abandonou a hipnose, porque nem todos os pacientes se prestavam a ser hipnotizados; desenvolveu a técnica de ‘concentração’, na qual a rememoração sistemática era feita por meio da conversação normal; e por fim, acatando a sugestão (de uma jovem) anônima, abandonou as perguntas ‘— e com elas a direção da sessão — para se confiar por completo à fala desordenada do paciente’”. [pg. 72]

Ao decorrer de seus estudos com seus primeiros pacientes, Freud deduziu que haveria um sentido na manipulação da psique humana. Além da consciente, que consiste na parte da mente humana que lida com as informações das quais você está ciente em um dado momento, isto é, você direciona sua atenção de modo intencional. Existe também o inconsciente, pelo qual Freud se interessava muito, e fazia diversos questionamentos acerca de coisas vividas e esquecidas no passado ou a respeito de conteúdos ocultados. Nele ocorrem processos mentais que nunca foram conscientes e que não podem ser acessados pelo consciente, a não ser em situações excepcionais, é nesse “lugar” inacessível que também ficam guardadas informações excluídas do consciente e que não podem ser lembradas pois foram reprimidas. O pré-consciente é uma porção do consciente que facilmente se torna consciente, ele corresponde a parte que é naturalmente acessível, todas as memórias que podem ser lembradas, como por exemplo o que você comeu no almoço ou o nome de um primo distante, são memórias que você encontra no pré-consciente. (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

Com tudo isso, Freud expandiu suas informações e estabeleceu duas estruturas do aparelho psíquico. Em sua primeira teoria, que foi denominada de primeira tópica, o qual falávamos acima, Sigmund Freud estabeleceu a estruturas da psique humana em inconsciente, pré-consciente e consciente. (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

O inconsciente carrega em si dois valores, ou seja, sentimentos conflitantes perante uma pessoa ou coisa, como por exemplo uma pessoa podendo amar e odiar ao mesmo tempo, logo ele não acompanha um sentido linear. Para Freud, o inconsciente era uma área mental e que o paciente sabe, mas não sabe que sabe. O pré-consciente seria encarregado por guardar os conteúdos que não estão presentes no consciente naquele mesmo instante, mas podem ser encontrados sempre quando for pertinente. E por fim a consciência que é a parte da psique em que estamos cientes, considerado o “juiz” crítico internalizado, transformando a destrutividade nata do indivíduo e o se desenvolvendo, para assim garantir a coesão da sociedade. Freud não se interessava muito sobre esta parte, ele procurava desvendar e entender a área menos explorada e exposta. (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010)

“Estar consciente é, em primeiro lugar, um termo puramente descritivo, que repousa na percepção do caráter mais imediato e

certo. A experiência demonstra que um elemento psíquico (uma ideia, por exemplo) não é, via de regra, consciente por um período de tempo prolongado. Pelo contrário, um estado de consciência é, caracteristicamente, muito transitório; uma ideia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora assim possa tornar-se novamente, em certas condições que são facilmente ocasionada.” (FREUD, 1996d, p.27 e 28)

Ainda referente a primeira tópica, é no inconsciente que habitam processos e elementos que não são acessíveis ao consciente, esses elementos são os representantes das pulsões. Todos os indivíduos possuem pulsões, em que são pressões ou necessidades que nos direciona a um determinado fim. Toda pulsão tem uma fonte, uma finalidade, uma pressão e um objeto. A pulsão está na fronteira entre o psíquico e o físico. Freud pela segunda tópica definiu como em pulsão de vida (toda a demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar, a realizar projetos) e pulsão de morte (é a demanda que nos conduz a busca do isolamento, da estagnação, e atos de destruição e morte), essas pulsões mantenedoras da vida e incitadoras de morte residem em todos nós em conflito permanente e não resolvido, e a maioria dos nossos pensamentos e ações é resultado de uma combinação dessas duas forças. (PAOLA, 2011) (LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925)

A pulsão de vida possui uma fonte nomeada de a “libido”, que vem da palavra latina para desejo. Libido consiste em uma energia erótica que proporciona a vida, o desejo ou impulso sexual de um homem ou mulher. Tal concepção é que faz com que os homens consigam se reproduzir, além de fazer uso desta energia para corroborar com a sociedade, através da arte, religião, dentre outros componentes. No campo da psicologia, a libido é essencial para compreender o comportamento humano. Não é necessariamente ligada aos órgãos genitais, podendo ser orientado pela relação de indivíduo com ele mesmo, com objetos ou por outro indivíduo. A pulsão de morte também tem uma fonte de energia específica, mas Freud não a nomeou.(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925)

Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico, que podemos denominar de segunda tópica, aprimora suas concepções acerca do consciente, pré-consciente e inconsciente. Freud

divide a formação psíquica em id, ego e superego, objeto desse trabalho. Freud percebeu que seus pacientes apresentavam inúmeros conflitos internos e muitas vezes lidavam com tais conflitos realizando certos acordos psíquicos para tentar aliviar a ansiedade gerada pelos conflitos e manter algum nível de conforto psíquico. De acordo com Freud, a nossa psique ou a nossa mente tem como principal meta preservar ou recuperar um certo nível de equilíbrio interno que lhe permita minimizar o desprazer e maximizar o prazer, essa tarefa é referente ao relacionamento dinâmico entre os três componentes básicos da psique o Id, o Ego e o Superego.(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925)

Freud em sua obra descreve as fases psicosssexuais pelas quais os indivíduos passam ao longo de seu desenvolvimento físico e mental. Na medida que uma criança amadurece ela vai desejando coisas diferentes e também vai encontrando formas distintas de gratificar esses desejos, há um misto de necessidades fisiológicas, descobertas e fantasias na psique infantil e não a sexualidade que existe no adulto.(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Em seus estudos pela descoberta da sexualidade infantil, revelou que a maior parte dos desejos e pensamentos recalcados se relacionam a divergências de ordem sexual, estabelecidos nas primícias da vida dos indivíduos. Quer dizer, na fase infantil se localiza as experiências de caráter traumático, reprimidas, moldando os sintomas atuais, fazendo com que neste ciclo da vida haja sinais profundos na formação do indivíduo. .(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Freud solicitou que seus discípulos observassem o desenvolvimento de seus filhos a partir do nascimento, com isso ele pode perceber que a criança em seu primeiro ciclo de vida tem o funcionamento sexual vinculado à sobrevivência, logo o prazer se encontrava em seu próprio corpo. Os desejos sexuais estavam ligados a partes do corpo, fazendo com que o mesmo se tornasse erotizado. Com o desenvolvimento crescente destas excitações, Freud dividiu em cinco fases de erotização. A primeira delas é a fase oral que vai do nascimento até o segundo ano de vida. A zona erógena do bebê se localiza na boca, onde é a área relacionada as necessidades (sede e fome) do bebê e suas gratificações, logo que assim atendidas ele tem suas tensões aliviadas. A

segunda é a fase anal, entre os dois e os quatro anos, a criança vai apreendendo a controlar os esfíncteres e a bexiga. A expulsão das fezes pelo ânus gera prazer, mas a criança também pode sentir prazer em reter as fezes, o que cria uma espécie de conflito, por um lado eliminar as fezes é prazeroso, por outro lado existe a necessidade social de controlar essa eliminação até chegar no local adequado. A fase fálica, se inicia por volta de quatro anos, é nessa fase que a criança se dá conta que possui ou não um pênis, logo os genitais passam a concentrar todas as tensões e atenções das crianças. Os meninos começam a ter ereções e isso leva-os a ter um maior interesse pela região genital, e ao se darem conta que o sexo oposto não possui o mesmo que eles. Os meninos experimentam a chamada necessidade de castração, que consiste no medo de perder o pênis. Em seguida, procede um período nomeado por Freud de “latência”, que se expande até a puberdade, e que se evidencia pela atenuação das atividades sexuais, isto é, os desejos sexuais não resolvidos na fase anterior são recalçados pela intervenção do superego. De acordo com Freud na fase da latência a sexualidade não avança. De fato ele afirma que os anseios sexuais perdem o vigor e são temporariamente abandonados. Também é nessa fase que o ego desenvolve a moralidade e atitudes de vergonha e repulsa. E por último a fase genital, começando no início da puberdade, quando a libido retorna aos órgãos genitais, nesse período os indivíduos já estão cientes das suas diferenças sexuais e buscam formas de satisfazer suas necessidades eróticas em objetos externo ao indivíduo. É na fase genital que o desejo sexual se torna adulto, e sentimentos edipianos que não foram resolvidos na fase fálica podem retornar na fase genital. .(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Na visão de Freud todos os indivíduos que conseguirem progredir nas diferentes fases de desenvolvimento, resolvendo os distintos conflitos, de forma satisfatória, se tornam adultos psicologicamente saudáveis. Chamamos de fixação quando uma pessoa não consegue avançar normalmente de uma fase para a outra, permanecendo muito envolvida com formas de gratificação mais simples ou infantis. Pessoas que fumam ou comem demais podem ter fixação parcial na fase oral. Já as pessoas obceçadas por ordem e arrumação podem ter sofrido por experiências difíceis durante a fase anal, resultando numa fixação por limpeza e organização. .(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

No “Complexo de Édipo”, que emerge na fase fálica o menino fantasia matar o pai e casar-se com a mãe, ao mesmo tempo ele acredita que seu pai o vê como um rival, e que por isso ele pode ser castrado pelo pai e ficar sem o seu órgão genital, Freud chamou esse sentimento de “ansiedade de castração”. Segundo Freud o amor e o temor por ambos pais, a ansiedade de castração e o desejo pela mãe são conflitos que nunca poderão ser resolvidos por completo, então são recalçados, ou seja, ainda na infância todo esse complexo é enviado para o inconsciente, evitando que ele apareça e que a criança pense e reflita sobre ele. Reprimir o complexo de Édipo é uma das primeiras tarefas do superego. É nele que o objeto de desejo do menino é a figura materna (mãe), e a figura paterna (pai) é o adversário que proíbe seu acesso ao objeto desejado. Logo, o menino busca ser o pai para assim poder “ter” a mãe, selecionando-o como padrão de comportamento, introduzindo as regras e as normas sociais apresentadas e impostas pelo pai. Futuramente desiste da mãe em favor do pai por medo de perdê-lo, e substitui a mãe pelo mundo social e cultura, podendo viver socialmente sabendo de suas regras e limites. O complexo de Édipo feminino é distinto do masculino, a menina concede a causa de sua castração sua figura materna e fortalece o sentimento de rivalidade para com ela, logo se inicia um conflito em que a criança ama e deseja a mãe, mas como ela acredita que perdeu o pênis por culpa da mãe, desenvolve a “inveja do pênis” e seu objeto de desejo se torna a figura paterna, assim a castração que termina o complexo de Édipo masculino, dá o começo ao feminino. A menina ao identificar que não conseguirá “ter” o pai, substituindo tal desejo pelo desejo do mundo. .(LIMA, Andréa Pereira de., 2010) (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Em O Ego e o Id, Freud explicou:

“O superego retém o caráter do pai, quanto mais poderoso o complexo de Édipo era e quanto mais rapidamente ele sucumbiu à repressão (sob a influência de autoridade, ensino religioso, educação e leitura), mais restrita será a dominação do superego sobre o ego, mais tarde – na forma de consciência ou talvez de um sentimento inconsciente de culpa.”[pg.21]

2. Id, Ego e seus mecanismos de defesa e Superego

2.1 Id

O Id é a estrutura original da personalidade sendo caótico, desorganizado e sem forma e todo o conteúdo do Id é inconsciente. No Id convivem, por exemplo, desejos contraditórios, sem que um anule o outro, pois a lógica e a razão não se aplica ao Id. Ele também é toda a fonte de energia das pulsões (vida e morte), em que se alimentam da energia gerada pelo mesmo. Ele busca a liberação constante de toda energia, tensão e excitação. Para efeitos de melhor entendimento poderíamos comparar o Id como uma criança mimada que desconsidera os limites da realidade, procurando a autossatisfação de forma irracional e egoísta a todo momento, sem inibições e não tolerando frustrações, em que a lógica, valores ou ética não significam nada para o ele. . (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

O Id é uma instância de energia psíquica que foi projetado como o portador de incentivo pulsional, chamado de libido. É por via de regra inconsciente, sendo conduzido pelo Princípio do Prazer, fazendo que seus desejos sejam acudidos no mesmo instante. Os desejos do Id não compreendem tempo ou local, sendo capaz de regressar em sonhos ou sintomas em algum período da vida do indivíduo. FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

“A intemporalidade é o ideal do prazer. O tempo não pode sobre o id, que é o domínio original do princípio de prazer. Mas o ego, por cujo intermédio, exclusivamente, o prazer se torna real, está em sua inteireza sujeito ao tempo. A mera previsão do fim inevitável, presente a todo instante, introduz um elemento repressivo em todas as relações libidinais e torna o próprio prazer doloroso. [...] O fluxo de tempo é o maior aliado natural da sociedade na

manutenção da lei e da ordem, da conformidade das instituições que relegam a liberdade para os domínios de uma perpétua utopia; o fluxo de tempo ajuda os homens a esquecerem o que foi e o que pode ser: fá-los esquecer o melhor passado e o melhor futuro” (MARCUSE, 1969, p. 200).

O Id segundo Freud, possui quatro pontos de vista, o primeiro ponto é referente ao inconsciente, que como uma instância psíquica, corresponde do Id, logo as informações psíquicas são expressas em pulsões que por um lado são hereditárias e nativas e, por outro lado, conquistadas e recalçadas. O segundo ponto de vista é “econômico”, o Id é a procedência de toda a energia psíquica do sujeito, que provoca a manipulação dos outros dois sistemas, o ego e superego. O terceiro ponto é o “dinâmico”, o Id interfere e compartilha tanto com as finalidades do Ego, como o mundo externo e o superego. E por fim, o último ponto que é o “funcional”, o Id é conduzido pelo princípio do prazer, ou seja, busca a resposta iminente a uma provocação instintiva, desconsiderando os cenários existentes da realidade. FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

2.2 Ego

O Ego é uma estrutura do aparelho psíquico que se desenvolve a partir do Id, na medida que um bebê vai tomando consciência da sua própria identidade. A função do Ego é de procurar atender e ao mesmo tempo aplacar as exigências constantes do Id, preservando a saúde, segurança e a sanidade da psique. Como o Id é incapaz de lidar com a realidade externa, o Ego que é lógico e racional cumpre essa função fazendo um meio de campo entre o mundo interno e o externo, sendo que a energia utilizada pelo Ego é extraída do Id. O Ego segundo Freud se esforça pelo prazer e tenta evitar o desprazer, mas faz isso considerando as limitações e as oportunidades que são postos pela realidade externa, controlando as exigências do id e avaliando como, quando e se elas devem ser satisfeitas. FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

O Ego sucede a partir da distinção das competências psíquicas em relação com a realidade. Seu funcionamento é, em parte, consciente, de que consiste nas percepções e processos intelectuais e, em parte, pré-consciente e também como o inconsciente. Esta instância sempre procura equilibrar as exigências impostas pelo Id, as condições da realidade, tendo que enfrentar também com os requisitos do Superego. FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

É administrado pelo Princípio da Realidade, que é o motivo que remete a junção do ambiente (o mundo externo) com o fim dos conflitos entre o indivíduo e a realidade. No entanto, é regido pelo Princípio do Prazer¹ também, e juntos orientam o funcionamento psíquico. O Ego atende com os impulsos que vem tanto da nossa mente como do mundo externo. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Exerce a função de alcançar o controle sobre as exigências das pulsões, intencionando se devem ser satisfeitas ou não, embora cobiçasse de imediato a satisfação do prazer, o Ego regula com as circunstâncias da realidade evitando o desprazer. Desta forma, o Ego opera como conciliador entre o Id e o mundo externo, tendo em conta o Superego, as diversas memórias guardadas e as exigências físicas do corpo. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

Para Freud, estamos divididos entre o princípio do prazer, que não identifica limites, e o princípio da realidade, que nos estabelece limites. Com relação as ocorrências vindas do ambiente externo, o Ego efetua sua atividade acumulando experiências sobre os distintos estímulos na

¹ “Princípio do Prazer é um conceito elaborado por Freud em que ele estabelece que há uma tendência geral do psiquismo em obter prazer, eliminando o desprazer, por meio da diminuição dos níveis de tensão intrapsíquicos. Esse prazer é buscado de maneira imediata e a qualquer custo, não levando em conta a necessidade de autoconservação do ego. Para regular esse princípio, há, em relação com ele, o Princípio de Realidade, que media a relação do Princípio do Prazer com o mundo externo, segundo a ordem da economia psíquica, que prevê a eliminação do desprazer como prioritário em relação à satisfação das pulsões.” (CARLONI, Paola. **A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana**: 2011 p.4.)

memória e aprende a elaborar variações cabíveis no mundo externo em seu respectivo benefício. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

2.3 Superego

O Superego é uma estrutura que surge a partir do Ego, e tem a função de atuar como um mediador das ações e pensamentos do Ego, e nele que reside os códigos de conduta aprendidos no convívio social, as inibições e os ideais. O Superego age no sentido de proibir ou limitar certos pensamentos e atitudes. A capacidade de auto-observação é uma característica do Superego, uma vez que ele age independente das pressões do Id por satisfação e das pressões do Ego que ao seu modo também está envolvido na busca pelo prazer. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

O Superego é consequência do complexo de Édipo, Se origina no período denominado por Freud de “latência”, entre a infância, inicialmente aos cinco anos, e a adolescência. Desenvolve-se nessa época os senso moral e social do indivíduo. O Superego opera como “juiz” e atende à necessidade crítica solicitada pelo ego. Molda-se com o início da internalização das exigências e das inibições parentais, no primeiro instante o superego é exercido pela autoridade parental que adequa o desenvolvimento infantil, revezando os desejos com as punições, causadoras de angústia. Num segundo instante, à medida que a criança abandona a satisfação que tem devido ao complexo de Édipo, as proibições externas são interiorizadas². A partir desse período o Superego alterna a instância parental por interferência do reconhecimento dos pais pela criança. O Superego determina a restrição dos impulsos que a sociedade desaprova ao Id, suprimindo os desejos e instintivos primitivos dele, fazendo com que o Ego aja moralmente, sem levar em conta a realidade. Logo, as ideias provenientes da construção do Superego não envolvem apenas

² “Num sentido mais específico, fala-se de interiorização quando o processo incide em *relações*. Dir-se-á, por exemplo, que a relação de autoridade entre o pai e o filho é interiorizada na relação do superego e ego. Este processo supõe uma tal diferenciação estrutural no seio do psiquismo que relações e conflitos possam ser vividos ao nível intrapsíquico. A interiorização é assim correlativa das concepções tópicas de Freud, em especial da segunda teoria do aparelho psíquico.”- vocabulário da psicanálise

os valores e costumes que adquirimos com nossos pais, porém também conceitos como certo e errado que a sociedade e cultura impõem para vivermos. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

O Superego contém os ideais nobres pelos quais lutamos e geram sentimento de orgulho e amor próprio por conta de nosso bom comportamento, mas também gera sentimentos de culpa e inferioridade pelo comportamento desaprovado. Às vezes o Superego pode atuar de maneira bem primitiva, severa e inflexível com bases em julgamentos ou tudo ou nada em busca da perfeição e o indivíduo pode se sentir culpado até mesmo por certos pensamentos, mesmo que eles não tenham provocado nenhuma ação. Mas o Superego também pode se desenvolver no sentido da compreensão e da flexibilidade, aprendendo a perdoar a si mesmo ou aos outros quando percebe que uma ação foi fruto de um mal entendido ou de uma situação de extrema tensão. (FREUD, 1923 – 1925) (FREUD, 1901-1905)

2.4 Mecanismos de defesa do ego

Entende-se já como o Id, Ego e Superego se relacionam, estruturando a nossa psique. Observamos também que são bastante confrontantes e um de seus subprodutos pode ser a ansiedade. Existe uma tensão entre as pulsões que o id deseja realizar e as limitações impostas pela realidade externa, afinal o mundo não existe para somente atender as vontades do id, portanto muitas das vezes as demandas precisam ter a satisfação adiada ou até mesmo frustradas. Ou também algumas pulsões do id podem ser canalizadas para objetos distintos do objeto original. Como por exemplo, desejos de agressão podem ser canalizados para uma luta corporal, em que a agressividade pode ser expressada através de regras coletivamente aceitas. Isso acontece porque as pulsões apresentam características mutáveis e podem ser gratificadas de formas alternativas. (SILVA, Elizabete Bianca Tinoco, 2010) (VOLPI, José Henrique, 2008)

Contudo para uma pulsão ser inibida pode ser necessário um gasto de energia muito grande, resultando em cansaço, aborrecimento e ansiedade. Na ansiedade existe uma sensação de perigo eminente, contrariamente do que o medo propõe. A ansiedade para Freud é resultado de libido contida, ou seja, de pulsões não realizadas, ou pode ser resultado de experiências traumáticas.

Assim a ansiedade, na visão de Freud, é decorrência do conflito entre as inclinações do id e a ameaça de punição do superego, isto é, o id sente ou deseja algo o superego reprova e em consequência instala no ego uma desconfortável sensação de medo como se a punição estivesse prestes a acontecer, para se livrar desse sentimento doloroso o ego cria mecanismos de defesa.

Mecanismos de defesa são estratégias que o ego coloca em ação para evitar entrar em contato com aqueles aspectos da personalidade que são desaprovados pelo superego e que por conta disso podem gerar ansiedade, mas quando é a realidade externa que nos afronta alguns desses mecanismos também são usados. É um recurso inconsciente desdobrado pela personalidade, o qual proporciona a mente a aprimorar uma solução para conflitos, ansiedades, hostilidades, impulsos agressivos, ressentimentos e frustrações não decifradas na área da consciência. Pretende defender determinando compromissos entre impulsos conflitantes e analisa tensões internas escolhidas inconscientemente. Freud proclamava que o termo defesa teria de ser aplicado “para todas as técnicas que o ego utiliza em conflitos que podem levar à neurose” (SILVA, Elizabete Bianca Tinoco, 2010) (VOLPI, José Henrique, 2008)

Os principais mecanismos de defesa são a negação, a repressão, a regressão, o isolamento, a racionalização, a projeção, a formação reativa e a sublimação, visto que os mecanismos descobertos em indivíduos saudáveis e sua frequência intensa é, em tese, sinal de prováveis sintomas neuróticos. (SILVA, Elizabete Bianca Tinoco, 2010) (VOLPI, José Henrique, 2008)

São eles:

- **Projeção**

O indivíduo concede a uma outra pessoa, animal ou algum objeto externo concepções referentes a própria personalidade da pessoa, porém rejeita identificar-se com tais atribuições. Obrigatoriamente, antes da projeção vem a negação, que dizer, é uma condição de locomoção que se remete para fora e impõe outros sujeitos suas qualidades, sentimentos e intenções, no qual se quer negar.

Exemplos: Uma pessoa invejosa pode acreditar que foi mal atendida em uma loja, porque a atendente teve inveja dela. De forma geral, os preconceitos estão baseados em

projeções, um grupo de pessoas projeta em outro grupo seus próprios impulsos e características inaceitáveis.

- **Formação Reativa**

Ocorre quando um indivíduo tem inclinações para um comportamento que considera reprovável, e então adota um comportamento que representa exatamente o oposto daquela inclinação, ou seja, utiliza-se uma máscara social não apenas para convencimento dos outros, mas principalmente o autoconvencimento, em geral a formação reativa é percebida quando ela falha.

Exemplos: Quando se descobre que um sujeito extremamente moralista abusa de indivíduos indefesos. Ou quando um homem conhecido como meigo e gentil comete um assassinato brutal.

- **Racionalização**

Uma ação inaceitável que foi cometida é reconhecida, mas a intenção por trás da ação não. Preserva o respeito próprio e suspende o sentimento de culpa. É um processo de procurar razões lógicas e racionais admissíveis para pensamentos e ações não aceitas. O indivíduo aponta motivos lógicos consistentes ou éticos aceitos para uma determinada atitude, ação, ideia ou sentimento causadora de angústia.

Exemplo: Um agente público corrupto que aceita suborno, mas se justifica afirmando que foi obrigado a aceitá-lo, o sujeito reconhece o ato corrupto, mas nega a intenção, desta forma, o comportamento é interpretado como aceitável ou até mesmo inevitável.

- **Negação**

A negação pode acontecer de duas maneiras: negação da realidade ou de pensamento/desejo. É o mais simples e direto mecanismo, expressa a rejeição do indivíduo a assumir a existência de uma circunstância dura demais para ser enfrentada, ou seja, o sujeito dá como não existente o pensamento ou sentimento que, caso ele reconhecesse, ocasionaria grande angústia.

Exemplos: Na negação da realidade um evento frustrante ou doloroso, como a morte de um ser querido, é negado como forma de se livrar psicologicamente daquela dor, são conhecidos casos de crianças que após a morte de um bicho de estimação, continuam enchendo e esvaziando as vasilhas de água e comida todos os dias. Na negação de um pensamento ou desejo, o indivíduo recusa admitir o que sente, por exemplo, ele pode dizer furioso que não está com raiva, mas em sua voz mostra claramente o sentimento negado.

- **Isolamento**

Há uma separação entre ideia e afeto, assim o conteúdo emocional de uma lembrança ou de um desejo pode ser separado da lembrança ou desejo propriamente dito. É um mecanismo em que o sujeito afasta a noção de afeto pela qual ela estaria ligada, fazendo com que, a noção torna-se inofensiva. O afeto pode não apresentar a noção, gerando na pessoa crises de angústia sem saber o porquê – e vice e versa.

Exemplos: Alguém pode experimentar o desejo ou a fantasia de agredir o seu próprio irmão sem experimentar o conteúdo emocional perturbador que acompanha esse desejo. O complexo de Madonna-prostituta é outro exemplo, em que homens separam as mulheres em duas categorias, aquelas que devem ser amadas e mas não se pode fazer sexo e aquelas com que só podem fazer sexo e não ama-las.

- **Deslocamento**

Redireciona-se o impulso agressivo para um objeto que não seja ameaçador. É o mecanismo onde o indivíduo troca a intenção inicial de uma pulsão por outra distinta e socialmente legítima.

Exemplos: Após uma pessoa levar uma bronca do chefe, ela redireciona a agressividade gritando com seu animal de estimação.

- **Regressão**

As pessoas retrocedem a um tipo de comportamento mais primitivo como forma de evitar a ansiedade. É um regresso a um nível de desenvolvimento antecedente ou a um modo de manifestação mais infantil ou mais simples. É um jeito de apaziguar a ansiedade fugindo do pensamento real para atitudes que, em anos decorridos, atenuam a ansiedade.

Exemplos: Uma pessoa que devora um pote de sorvete após uma discussão está regredindo a fase oral do desenvolvimento, o qual se sentia mais protegida e feliz. Ou também pessoas que se agarraram a um cobertor quando estão se sentindo insegura, algo no qual faziam quando eram bebês.

- **Sublimação**

Uma pulsão é canalizada para um objeto diferente do original, geralmente um objeto considerado culturalmente superior. É o mecanismo de impedimento da execução de um desejo, procura um substituto aceitável por meio do qual pode se satisfazer. Ao invés da pulsão ser enfrentada ela é orientada para finalidades nobres e socialmente aceitas.

Exemplo: No filme Frozen, a personagem Elsa canaliza sua agressividade para construir um castelo de gelo ao invés de ferir as pessoas.

- **Recalque ou Repressão**

É o mecanismo de defesa fundamental e o mais estudado por Freud, no recalque o pensamento, sentimento ou desejo inaceitável é simplesmente descartável para o inconsciente o que requer gasto de energia permanente para manter o indesejável longe da consciência. O recalque desune determinada coisa do consciente, fazendo com que ela se mantenha no inconsciente, manipulando o impulso, conflito e em competição, vertentes a atos que consiste em uma ameaça, abandonar ou recalcar a consciência um afeto, uma ideia ou apelo do instinto. O recalque é em si um mecanismo de defesa, mas ele também tem um papel coadjuvante em todos os demais mecanismos de defesa do ego.

Exemplos: Um episódio que por alguma justificativa envergonha um indivíduo pode ser inteiramente ignorado e desprezado.

- **Anulação**

Consiste em ações que refutam ou rompem um dano que um sujeito acredita que pode ser motivado por seus desejos. O pensamento por sua maioria remete ao poder tudo e não há relacionamento com a realidade. É o mecanismo em que a pessoa tem uma ação que visa apagar o rastro do impulso ou ação anterior, como num ato ilusório.

Exemplos: Quando uma pessoa faz o sinal da cruz para deixar de lado um pensamento ruim. Ou também tem pessoas que acham que o pedido de desculpa deveria anular imediatamente a ação destrutiva anterior.

- **Introjeção**

Diretamente referente a identificação, se propõem a solucionar algum impedimento emocional do indivíduo ao adotar para a própria personalidade algumas características de outro, ou seja, é o mecanismo que engloba para internalização de normas, atitudes, modos de agir e pensar que são dos outros e não verdadeiramente suas.

Exemplos: Quando está diante de uma pessoa importante e ela própria se atribui importância e brilhantismo pessoal sem o ser (comum nos puxa-sacos). Ou um religioso que basta estar num templo para se sentir instantaneamente um ser especial.

- **Idealização**

Consiste em conceder ao outro indivíduo qualidades de perfeição, percebendo-o como aquele que possui aspectos positivos exagerados. Visando assim como os outros mecanismos proteger a pessoa de uma angústia.

Exemplo: Quando uma pessoa que iludidamente atribui uma perfeição a pessoa amada (muito comum na fase de paixão).

- **Conversão**

Compreende que um conteúdo mental é convertido, transformado de uma coisa em outra. Esta transformação se refere a psique X corpo, em fenômenos orgânicos, motores (paralisias, tremores, convulsões, distúrbios da marcha, da deglutição etc.) ou sensitivos (dores, parestesias, anestésias, distúrbios da visão, da audição etc.).

Exemplo: Quando uma pessoa está passando por algum problema e começa a sentir dores de cabeça.

- **Inibição**

Consiste em impossibilitar uma função ou alguma conduta.

Exemplo: Se apaixonar pelo namorado ou namorada de seu melhor amigo e reprimir os sentimentos por preservar a amizade.

Conclusão

Vimos que a Psicanálise, seguindo a linha das teorias da psicologia é de extrema relevância à compreensão da história individual e as relações interpessoais dos sujeitos. A partir do momento que Freud se interessou pela subjetividade humana, ele buscou formas de encontrar e desvendar os mistérios encontrados na psique humana.

Freud desde o começo se cativava mais em entender o psiquismo não como uma forma de fisiologia humana, mas algo que se associava com a psicologia. A ideia era de que a personalidade deveria ser compreendida como um aparelho psíquico e não mais a partir meramente de um funcionamento neuroquímico.

Logo se deu a primeira concepção de funcionamento do aparelho psíquico, no qual denominamos na pesquisa de primeira tópica. Freud o dividiu em consciente (a parte da psique que está ciente em um determinado momento), pré-consciente (a parte pelo qual podemos acessar quando o desejado) e o inconsciente (a parte que possuímos informações que não sabemos que sabemos). Em seguida desenvolveu a segunda tópica, em que dividiu a personalidade em três estruturas distintas e que trabalham juntas para o funcionamento mais correto do eu, o id, ego e superego. Freud entendia que o inconsciente por si só não deveria mais ser abordado como um lugar exclusivo na psique, pois existia outras construções inconscientes. A partir de então a palavra inconsciente se referia a processos mentais, o ego e superego seriam ditos inconscientes, enquanto o id só sendo consciente por representações.

Hoje em dia ainda há críticas acerca dos métodos e concepções criadas por Freud, embora a ciência moderna progrida, muitos conceitos da psique desenvolvida por ele continuam conquistando resultados. As pesquisas que Freud apresentou despertou possibilidades para estudos que antes não poderiam ser encontrados num plano imaginário. Entender o funcionamento e criar um método clínico a disposição de ajudar pessoas a respeito de diagnóstico e tratamento de doenças psíquicas é um fato surpreendente em toda a história da ciência. Não temos como dizer que Freud não foi de extrema importância para o funcionamento da psicologia.

Referências Bibliográficas:

CARLONI, Paola. **A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana.**

RENEFARA - Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia. 2011. Disponível em http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/27/pdf_121. Acessado em 20 de novembro de 2018.

FREUD, Sigmund. **O Eu E O Id Autobiografia E Outros Textos.(1923 – 1925)** Obras completas de Sigmund Freud Volume 16.Companhia das Letras. São Paulo. 2011.

FREUD, Sigmund. **O Ego E O Id (1923).**) Obras completas de Sigmund Freud.Companhia das Letras. São Paulo. 2011.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Análise Fragmentária de uma Histeria. ("O CASO DORA") (1901-1905)** Obras completas de Freud Volume 6. 2016

JORGE, Marco Aurelio Soares; CARVALHO, Maria Cecília; FAGUNDES, Paulo Roberto. **Políticas e Cuidado em Saúde Mental. Editora Fiocruz Rio de Janeiro. 2015.**

LAPLANCHE e PONTALIS.Vocabulário da psicanálise. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 1999.

LIMA, Andréa Pereira de. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia.** *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2010, vol.37, n.6, pp.280-287. ISSN 0101-6083. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a05v37n6.pdf>. Acessado em 13 de outubro de 2018.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismos de defesa do ego.** 2010. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>. Acessado em 13 de outubro de 2018.

VOLPI, José Henrique. **Mecanismos de defesa.** Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

